

CDU 82.09

GILBERTO FREYRE, A PROVÍNCIA E O PhDEÍSMO CARIOCA

Edson Nery da Fonseca

O Viés PhDeísta

Pensei que já havia passado o tempo em que Agrippino Grieco - fluminense carioquizado e muito cioso de residir na então Capital da República - exigia dos escritores provincianos o registro de suas firmas nos cartórios do distrito Federal: para o crítico irônico, condição *sine qua non* de uma boa fortuna crítica.

A inauguração de Brasília deixou muitos cariocas como que viúvos da Capital da República: vivez que ainda hoje, decorridos trinta anos da mudança, leva muitos a apontar o que se faz em Brasília como "espoliação cultural" do Rio de Janeiro; ou a encarar os que chegam de outras cidades como desprezíveis provincianos. Os mais neuróticos procuram substituir a tradicional cordialidade carioca por um bovarismo arrogante: assunto que está a pedir um estudo psicanalítico.

É o caso do professor Luiz Antônio de Castro Santos, do Departamento de Ciências Humanas e Saúde da UERJ. Seu artigo "O Espírito da Aldeia" (*Novos Estudos CEBRAP* n. 27, p. 45-66, julho 1990) mostra que o arrogante desprezo pela província persiste entre pesquisadores cariocas ou radicados no Rio de Janeiro: sobretudo nos que ostentam um PhDeísmo já desmoralizado pela melhor crítica de idéias dos Estados Unidos. Talvez se trate de freudiana compensação pela decadência do Rio de Janeiro, cidade outrora fascinante mas hoje culturalmente ultrapassada por São Paulo e até por Campinas.

O artigo surpreende pela animosidade nada científica do autor contra a intelectualidade pernambucana, em geral - vítima, segundo ele, do "espírito da aldeia" - e contra Gilberto Freyre, em particular. O professor Castro Santos vê a "trajetória intelectual" de Freyre prejudicada tanto pelo "orgulho ferido e vaidade" mencionados no subtítulo como por "narcisismo individual insidioso", "comportamento defensivo e recolhido", "ressentimento profundo e corrosivo", "Idiossincrasias e trivialidade" e outros apodos incompatíveis com a objetividade que distingue *Novos Estudos CEBRAP*, uma das melhores revistas brasileiras tanto pela

matéria que divulga como pelo atraente aspecto gráfico.

Falo em surpresa porque, em artigos anteriormente dedicados à obra de Gilberto Freyre (cf. *Anuário Antropológico* n. 83, p. 73-102, 1985 e *Novos Estudos CEBRAP* n. 18, p. 22-32, setembro 1987), o professor Castro Santos apresenta suas divergências em tom objetivo e sereno, sem resvalar no subjetivismo, nas interpretações forçadas e até em contradições que tanto prejudicam este seu texto recente: verdadeira catilinária que parece motivada - repito - por preconceito pessoal, regional ou mesmo - quem sabe? - ideológico, porque os ideólogos se tornam virulentos com o fim de suas ideologias.

Note-se ainda, quanto ao vocabulário do professor Castro Santos, que, embora preocupado com frases pomposas, ele escorrega no hilariante lugar-comum "via de regra" (p. 46, linha 8a), expressamente condenado em recentes manuais de redação e estilo dos grandes jornais, por sua conotação burlescamente anatômico-fisiológica.

A máscara e o modelo

A tática do professor Castro Santos é muito conhecida, consistindo (1) na construção de um modelo - o de personalidade narcisista - e (2) na tentativa de a ele moldar o autor não direi estudado - porque todo estudo sério exige compreensão *à la* Dilthey - mas atacado, porque é de ataque - e ataque virulento - que se trata. Com citações isoladas e interpretações capciosas, o professor Castro Santos procura adaptar a vida e a obra de Gilberto Freyre ao modelo de personalidade narcisista previamente montado, apoiado em autores que vão da romancista Jane Austen ao sociólogo Georg Simmel, passando pela igualmente notável Hannah Arendt e pesquisadores menores.

O professor Castro Santos parte de uma falsa premissa: a "desorientação inicial" de Gilberto Freyre ao ver-se, ainda jovem, diante do "mundo civilizado" que encontrou nos Estados Unidos. Cita, como "da maior relevância", uma tolice de Darcy Ribeiro em seu magistral ensaio sobre *Casa-Grande & Senzala*: a de que, chegando aos Estados Unidos, com 18 anos de idade, Gilberto Freyre sentia-se "diminuído por vir de um mundinho sem importância" e, para se compensar, procurou identificar-se "com o mundo hispânico".

Trata-se de uma versão falaciosa. Gilberto Freyre foi pela primeira vez aos Estados Unidos para estudar teologia e ser, depois, missionário evangélico na Amazônia: ideal que lhe foi transmitido pelo exemplo do escocês David Livingstone na África. Por isso dirigiu-se a Baylor, uma universidade Batista do Texas. O aburguesamento Rotariano do Protestantismo estadunidense fez com que ele repudiasse o ideal evangélico e se aproximasse da Igreja Católica, influenciado pela

Conversão de Newman. O título de seus primeiros opúsculos é uma paráfrase da autobiografia do cardeal Inglês: *Apologia pro generatione sua* (Paraíba, 1924; incluído em *Região e Tradição*, Rio de Janeiro, 1941). Repugnaram-lhe, além disso, as mais cruas manifestações de racismo que testemunhou nos Estados Unidos: manifestações tranquilamente aceitas pelo Protestantismo, de acordo com a fórmula WASP (White, Anglo-Saxon, Protestant). Eis porque concluiu em Baylor apenas o curso de graduação, seguindo para uma universidade cosmopolita como Columbia.

Ao contrário da "desorientação" de que fala o professor Castro Santos e do complexo de inferioridade a que alude o insigne Darcy Ribeiro, o que esses primeiros anos do jovem Gilberto Freyre no estrangeiro revelam é uma forte afirmação da personalidade. Os artigos por ele então enviados para o *Diário de Pernambuco* não transmitem nenhum sinal de deslumbramento provinciano, nem de frustração pessoal, regional ou nacional. O apego de Gilberto Freyre aos valores hispânicos não resultou de nenhum "mecanismo compensatório" e sim da convicção, que nele madrugou, de estarem tais valores muito acima do pragmatismo anglo-americano. Lembre-se, a propósito, esta sua magnífica *trouvaille*: "um analfabeto espanhol vale mais, como personalidade humana, do que um congresso inteiro de Rotarianos reunidos em Chicago".

Fortuna Crítica Nacional e Internacional

Outra falácia do professor Castro Santos: "é provável que as dificuldades com a crítica brasileira tenham contribuído para a escolha tão abrangente da comunidade internacional" (p. 46, nota 4). Gilberto Freyre não teve tais "dificuldades", como demonstra a coletânea *Casa-Grande & Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*, que organizei para a Companhia Editora de Pernambuco (Recife, 1984). De 1945 em diante sua fortuna crítica aumentou, mesmo com algumas vozes divergentes. O próprio autor do artigo, contradizendo-se, informa depois que, na década 30, Gilberto Freyre "era um autor consagrado no país" (p.50). Quanto à "nova geração de críticos brasileiros", não houve unanimidade nas "avaliações negativas", a julgar pelas análises francamente favoráveis de Alvaro Lins, Roberto Alvim Corrêa, Otto Maria Carpeaux, M. Cavalcanti Proença, Osmar Pimentel, Eduardo Portella, Gilberto de Mello Kujawski, José Guilherme Merquior, Leo Gilson Ribeiro.

Só por ingenuidade ou má fé pode-se atribuir a uma opção pessoal de Gilberto Freyre sua consagração pelo que o professor Castro Santos chama vagamente de "comunidade internacional". Estará se referindo a críticos da idoneidade intelectual e moral de Lucien Febvre, Fernand Braudel, Roger Bastide, André Rétif S. J., Jean Pouillon, Roland Barthes,

Jean Duvignaud, Frank Tannenbaum, Asa Briggs, Julián Marias, David Mourão-Ferreira? Ninguém acreditará que elogiaram Gilberto Freyre para agradá-lo, pois alguns dos citados nem ao menos o conheceram pessoalmente, como Pouillon, Barthes e o Padre Rétif, da conceituada revista *Études*, dos Jesuítas franceses.

Terá pensado nas edições de obras de Gilberto Freyre em língua inglesa, francesa, italiana, espanhola, alemã, polonesa, húngara, japonesa? Mas não é por solicitação dos autores que editores como Knopf nos Estados Unidos, Gallimard na França, Rizzoli na Itália, Espasa-Calpe na Espanha ou Klett-Cotta na Alemanha publicam obras estrangeiras. Ainda recentemente a Universidade da Califórnia em Los Angeles reuniu em *paperback* a trilogia *The Masters and the Slaves*, *The Mansions and the Shanties* e *Order and Progress*, com prefácios de historiadores norte-americanos a cada uma dessas obras. Se o fez é porque elas são procuradas e não para compensar supostas decepções de Freyre com a comunidade científica brasileira.

Também não é admissível que o PhD carioca tenha pensado, ao falar em "comunidade internacional", nas universidades estrangeiras que conferiram a Gilberto Freyre o grau de Doutor Honoris Causa; porque esse grau jamais é atribuído por postulação dos recipiendários, principalmente tratando-se de universidades como Columbia, Coimbra, Sussex, Münster e Sorbonne.

O mesmo pode ser dito de honrarias como o título de Cavaleiro-Comandante do Império Britânico, o prêmio internacional de literatura La Madonnina ou o prêmio Aspen. Deste basta mencionar os que o receberam antes e depois de Gilberto Freyre para avaliar o alto e abrangente critério de sua concessão: o urbanista grego Constantino Doxiadis, a dançarina norte-americana Martha Graham, o compositor inglês Benjamin Britten e o ensaísta norte-americano Edmund Wilson.

Diz ainda o professor Castro Santos que "os festejos para Gilberto Freyre no exterior" escassearam "até desaparecerem de vez nos últimos quinze ou vinte anos". Uma clamorosa inverdade! Para prová-lo mencionarei apenas alguns fatos, porque escrevo este artigo em Brasília, estando a maior parte de minhas fichas em Olinda: (1) acaba de aparecer, em livro-de-bolso, a terceira edição alemã de *Casa-Grande & Senzala (Herrenhaus und Sklavenhütte*, Stuttgart, Klett-Cotta in Deutschen Taschenbuch Verlag, 1990); (2) em 1983 foram publicadas em Londres as obras de consulta *Dictionary of Modern Thought* (William Collins) e *Contemporary World Writers* (St. James), ambas com verbetes dedicados a Gilberto Freyre; (3) de 1986 é a obra de Julián Marias *Hispanoamerica* (Madrid, Alianza Editorial) com 23 páginas sobre Freyre; (4) com chamada de capa, o *Times Literary Supplement* (n. 4.502, semana de 14 a 20 de julho de 1989, p. 763-765) publicou o artigo "Gilberto Freyre and the reshaping of the Latin American past", no qual o

professor Alistair Hennessy, da Universidade de Warwick, comenta com impressionantes elogios o aparecimento nos Estados Unidos das supramencionadas reedições de obras de Freyre em *paperback*. É estranho que, desconhecendo ou escondendo tais fatos, venha alguém escrever sobre Gilberto Freyre um texto pretensamente acadêmico, com ares de *state-of-the-art report*.

Retrato ou Caricatura

Apoiado, como vimos, em inverdades, o retrato de um Gilberto Freyre vencido na maturidade pela frustração e à procura de "mecanismos compensatórios" deixa de ter sentido. O que o professor Castro Santos apresenta é uma caricatura, ignorando que também existe ética nesse tipo de representação. Gilberto Freyre não tinha nenhum dos traços caricaturescos com os quais o PhD carioca procura retratá-lo. Sua permanente disponibilidade para aprender, para ouvir os outros, para estimular pesquisas, para tudo compreender, encantava os que dele se aproximavam. A caricatura sem ética do professor Castro Santos contraponho este retrato, escrito pelo filósofo espanhol Julián Marías, professor em Madrid, Heidelberg e Indiana:

"Y estoy seguro de que Gilberto Freyre ha tenido sufrimientos, tristezas - como no? - en una larga vida intensa. Pero, yo creo que se atrevía a ser feliz, que tenía vocación de felicidad y que tuvo, en su vida, la respuesta de la circunstancia, en muchos casos, favorable, que le permitió alcanzar, probablemente, un alto grado de felicidad en gran parte de su vida. Si no fuera así, no hubiera escrito como escribía, no hubiera tenido su obra esa especie de resplendor interno que la hace insustituible" (cf. Julián Marías, "Gilberto Freyre en el Mundo Hispánico", in Maria do Carmo Tavares de Miranda, org. *A Memória de Gilberto Freyre*, Recife, Massangana, 1988, p. 11-30).

O professor Castro Santos procura mostrar o narcisismo de Gilberto Freyre sem perceber, em seu simplismo PhDista ou em seu rancor ideológico ou em sua carioca arrogância - ou, quem sabe, simultaneamente nos três preconceitos - que a verdade pessoal pode coexistir com a humildade científica. Gilberto Freyre era, ao mesmo tempo, vaidoso e humilde. Talvez pudesse dizer a seus críticos simplistas o que André Gide implorava: "Por favor, não me compreendam tão depressa!". Ainda moço ele afirmou que "a verdadeira ciência é humilde, ficando a ênfase para a meia-ciência". Em toda sua obra preferiu antes sugerir e analisar do que concluir e doutrinar ("menos doutrina, mais análise"). Tinha verdadeiro horror às generalizações enfáticas. Não gostava do título de "mestre" por considerar-se "eterno aprendiz". Vários de seus bibliônimos são expressivos dessa atitude por ele mesmo definida como "humildade diante dos fatos". São bibliônimos

nos quais aparecem os advérbios "quase" e "talvez", além de prudentes expressões como "Contribuição a", "Sugestões para", "Em torno de", etc.

O Equívoco das Comparações

Para melhor salientar o narcisismo de Gilberto Freyre, o professor Castro Santos dedica parte de seu artigo à comparação do autor pernambucano com dois outros grandes historiadores sociais paulistas: Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ele contrapõe o que chama de "declínio" de Freyre à ascensão "renovada" e "vigorosa" dos insígnies paulistas que, se vivo fossem, não gostariam de tão deselegante paralelo. Porque malgrado posicionamentos políticos divergentes, houve entre Freyre e aqueles seus companheiros de geração e de estudos, um relacionamento cordial que o professor Castro Santos insiste em ignorar. Lembre-se do livro *Evolução Política do Brasil* que foi publicado poucos meses antes de *Casa-Grande & Senzala*, tendo Gilberto Freyre saudado com entusiasmo a estréla de Caio Prado Júnior, em nota-de-rodapé da obra com a qual também estreava, em 1933. Do livro *Raízes do Brasil* todos sabemos que foi publicado como volume inicial da *Coleção Documentos Brasileiros*, da Editora José Olympio, dirigida por Gilberto Freyre. O professor Castro Santos parece ignorar a lição de Ortega y Gasset em *Meditações do Quixote*: Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior foram igualmente notáveis, cada um em sua *circunstância*. Na historiografia brasileira eles se completam, em vez de mutuamente se excluírem, como insinua o professor Castro Santos.

A Circunstância Freyriana

Falando em Ortega, recorro esta passagem da mencionada obra, com a qual também iniciou, em 1915, sua brilhante carreira de ensaísta: "Minha saída natural para o universo abre-se pelos desfiladeiros do Guadarrama ou o campo de Ontígola". O Recife é a "saída natural" de Gilberto Freyre para o universo, sua circunstância. Uma saída com muitos regressos, pois esse "uomo universal" não concebia viver em outro lugar. Vários convites recebeu, ao longo de sua existência, para fixar-se em universidades estrangeiras: convites recusados tanto por seu pouco apreço à rotina acadêmica (sempre se considerou "cigano de beca") como pelo apego à província, o apelo da terra natal que só não é sentido pelos PhDês secarrões.

Referindo-se ao "Recife das primeiras edições de *Casa-Grande & Senzala*" - todas, aliás, publicadas no Rio de Janeiro, as três primeiras por Maia & Schmidt e as demais por José Olympio - o professor Castro Santos fala em "espírito da aldeia". Para ele, quem mora na província - o "mundinho sem importância" da infeliz observação de Darcy Ribeiro

(tanto mais infeliz quanto pinçada no melhor texto que já se escreveu em qualquer língua sobre *Casa-Grande & Senzala*) - está condenado a padecer complexos de inferioridade e a procurar "mecanismos compensatórios". A desgraça de Gilberto Freyre teria sido a opção pela província. Ele diz e repete essa tolice: "a permanência de Freyre no Rio possivelmente teria evitado o desvio de sua brilhante trajetória" (p. 57/58); "a opção pelo Rio de Janeiro teria sido a mais indicada" (p. 61).

Criatividade na Província

É verdade que menciona algumas exceções: Ulysses Pernambucano, José Antônio Gonsalves de Mello, Evaldo Cabral de Mello e José Lins do Rego. Esconde, entretanto, o que uma verdadeira legião de médicos, biólogos, poetas, artistas plásticos, engenheiros, sanitaristas, arquitetos, agrônomos, geógrafos, juristas - e não apenas os quatro autores citados - ficou devendo a Gilberto Freyre em sugestões de trabalho, linhas de pesquisa, orientação científica e artística, numa influência que foi a maior da vida cultural brasileira, pois além de pluridisciplinar pode ser caracterizada como transgeracional, transregional e até transnacional. Tudo na vã tentativa de provar que Gilberto Freyre fixou-se no Recife unicamente para reunir em torno de si uma corte de adoradores.

Trata-se de um insulto à intelectualidade pernambucana, que nunca precisou do Rio de Janeiro para projetar internacionalmente ensaístas como Oliveira Lima, Joaquim Nabuco e Gilberto Freyre, poetas como Mauro Mota, Ariano Suassuna e João Cabral de Mello Neto, cientistas como Nelson Chaves, Oswaldo Gonçalves de Lima e Vasconcelos Sobrinho, geógrafos como Manoel Correia de Andrade, Gilberto Osório de Andrade e Mário Lacerda de Mello, juristas como Pinto Ferreira, Lourival Vilanova e Cláudio Souto, pintores como Cicero Dias, Lula Cardoso Ayres, Francisco Brennand e João Câmara.

Engana-se o professor Castro Santos ao insinuar que a criatividade é impossível na província. Como sociólogo ele devia saber que a genialidade é um fenômeno individual e não institucional ou geográfico. Com todas as facilidades que proporcionam, as universidades norte-americanas jamais produziram um gênio como Villa-Lobos. E formado por Harvard é o senador Edward Kennedy, que não passa de melancólico *playboy*. Parafrazeando a maravilhosa *trouvaille* freyriana citada no início deste artigo, vou concluí-lo dizendo que um ateliê como o de Francisco Brennand em São João da Varzea, velho subúrbio recifense, vale mais, como expressão de criatividade, do que um congresso inteiro de PhDês reunido em Harvard.

